

Planalto admite que situação

JORNAL DO BRASIL

externa se deteriora

William Waack

Brasília — A política externa econômica brasileira ficou em aberto e vai depender da nomeação do novo ministro da Fazenda a definição de itens importantes: a ida ao FMI, a abertura de negociações formais com os bancos credores comerciais e a normalização das relações econômicas com os governos credores reunidos no Clube de Paris.

— Não se pode excluir a adoção de novo caminho, qualquer que seja — diz importante assessor do presidente, no Palácio do Planalto. — A nossa situação externa se deteriora visivelmente a cada dia, e precisamos de uma ação urgente.

Ao contrário da voz corrente entre os assessores de Funaro, que fazem parte da comissão de renegociação da dívida externa, uma "política de governo para esse setor dependerá fundamentalmente da figura do novo ministro". Se ele for Rafael de Almeida Magalhães, por exemplo, ninguém acredita em mudanças substanciais na conduta do governo brasileiro frente aos credores internacionais, pelo menos a curto prazo. Mas se o novo ministro se chamar José Serra, não se exclui a possibilidade de um rápido entendimento com algumas organizações multilaterais, incluindo o FMI.

O governo tem recebido insistentes advertências por parte do embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira. Bom observador do comportamento da praça financeira em Nova Iorque, ele vem tentando convencer o presidente José Sarney e também o ex-ministro Dilson Funaro, de que a não-suspensão imediata, por parte dos bancos comerciais, das linhas de curto prazo colocadas à disposição de bancos brasileiros no exterior, de maneira alguma merece ser encarada com otimismo, como vem acontecendo até agora.

— É um absurdo pensar assim. Já dá para ver a esquina onde os banqueiros

vão nos pegar — comenta um importante assessor presidencial. — Alguns calculam que podemos resistir até setembro, outros não dão até julho de prazo. De qualquer maneira, nossas reservas estão pouco abaixo dos 3 bilhões de dólares e assim não dá para continuar — disse.

— Eles estão mesmo na posição tranquila, igual aquele tango que se chamava **Fumando e Esperando** — prosseguiu.

O espetáculo de indecisão e confusão proporcionado pelo governo ontem, em Brasília, possivelmente deve ter causado impressão pouco favorável entre os integrantes de duas missões de organizações multilaterais no Brasil: o Banco Mundial (Bird) e o FMI. Ambas são integradas por funcionários técnicos, que vêm recolher dados e subsídios para a elaboração de relatórios sobre o desempenho da economia brasileira. Profissionalmente, evitaram qualquer comentário sobre a situação interna brasileira, mas procuraram seus interlocutores brasileiros para confirmar se Funaro havia mesmo caído.

Na ex-assessoria internacional do ministro (todos se demitiram em bloco), prevalece obviamente a tese de que, tendo sido formulada uma política de governo em relação à dívida externa, não há motivos para se supor que a modificação do titular da Fazenda acarrete automaticamente alterações sensíveis na maneira como são conduzidos os contatos com o FMI, por exemplo. Nesse sentido, um experimentado negociador brasileiro fornece algumas evidências: técnicos de nível intermediário (diretores do Banco Central do Brasil e do Banco Central) estão, no momento, conduzindo negociações com representantes de bancos comerciais no Caribe, na Europa e no Oriente Médio.

Esses contatos discretos, produzidos nesses níveis, estão trazendo resultados — diz um desses ex-assessores. Os bancos

regionais americanos, por exemplo, estão desesperadamente atrás de algum tipo de acordo. E os principais bancos comerciais criaram uma **task force**, paralela ao comitê de assessoramento, apenas com a função de estudar melhores formas de flexibilização no tratamento da dívida de países como o Brasil. Todos perceberam que é importante mudar e não acho que a saída do Funaro vá interromper um processo desse tipo.

Há, porém, acidentes de percurso que não são simplesmente obstáculos ocasionais. Funaro queixou-se ontem, em sua última reunião com os negociadores da dívida externa brasileira, que os governos dos países credores não cumpriram ainda sua parte do acordo obtido a duras penas com o Clube de Paris, no princípio do ano. Tal entendimento previa a imediata abertura das agências oficiais de crédito ao Brasil, fato que não ocorreu até agora.

— Eles sempre têm uma desculpa — observa essa fonte, como todas essas coisas, bancos, governos e agências oficiais, estão interligadas, não é difícil perceber o que acontece — diz o mesmo assessor. Mas eu prefiro ser diplomático e não acusá-los de má-fé. Apenas observo que não estão cumprindo com sua parte do acordo. E Funaro já havia alertado em Washington, recentemente, que via muitas dificuldades em continuar servindo a dívida oficial, se as coisas continuarem assim.

No Planalto, as coisas estão sendo encaradas com ceticismo acentuado — não pelo presidente, mas por alguns de seus assessores. Eles acham que o tempo para os negociadores brasileiros está praticamente esgotado. O país oferece ao credor externo a imagem de desorganização, confusão e falta de rumos.

— Somos vítimas de um otimismo inútil — advertiu uma boa fonte no Planalto.